

## **ENTREVISTA: MARIA ALICE AMORIM**

### **“Popular, erudito e massivo são etiquetas *demodées*”**

Por: *Decilene Mendes, Jademilson Silva e Betânia Maciel*

*Fotos de Anne Carolene Mendes*



A pesquisadora e jornalista Maria Alice Amorim exerce o jornalismo especializado em reportagens culturais para revistas e suplementos, e realiza conferências e palestras na área. A entrevistada dedica especial atenção à poesia popular e aos estudos etnográficos referentes à arte figurativa e aos folguedos populares. Da fusão desses temas surgiu o livro *Carnaval – cortejos e improvisos*, em 2002, em que a autora discute os improvisos poéticos dos mestres de maracatu rural, enquanto o pesquisador Roberto Benjamin escreve sobre os cortejos carnavalescos.

Maria Alice publicou, em 2003, ensaio sobre arte popular na obra *Pernambuco: cinco décadas de arte*. É autora do ensaio *Improviso: tradição poética da oralidade*, que integra o livro *Literatura e Música*, co-edição do Itaú Cultural e editora Senac. Com pesquisa sobre as poéticas tradicionais do Nordeste brasileiro, Maria Alice produziu uma dissertação de mestrado em Comunicação e Semiótica (PUC-SP), que se tornou livro sob o título *No visgo do improviso ou A peleja virtual entre cibercultura e tradição*.– Trabalho esse que foi premiado na referida universidade (PUC-SP) com o título de “melhor dissertação de 2007”. No mesmo programa de pós-graduação, atualmente, Maria Alice realiza seu doutorado. Confira entrevista inédita, para a *Revista Folkcom*, com a jornalista e pesquisadora Maria Alice Amorim.

**Pergunta (*Revista Folkcom*):** Após quatro décadas do surgimento da Teoria da Folkcomunicação, pelo jornalista e pesquisador pernambucano Luiz Beltrão, como a senhora percebe hoje a relação da cultura popular com a comunicação massiva?

**Resposta (Maria Alice Amorim):** As trocas são importantes e incontornáveis. A comunicação massiva inspira a cultura popular e vice-versa. Considero que não é possível tentar guardar num nicho o que classificamos de cultura popular, inclusive hoje é completamente irreal a existência de comunidades que não tenham pelo menos algum tipo de acesso à comunicação de massa. O interessante mesmo é estudar essas relações e o que delas resulta. Claro que, mesmo com a instantaneidade das notícias, e a quase onipotência da comunicação de massa, o folheto de circunstância, ou aquele folheto que trata de notícias, ainda é muitíssimo apreciado por características bem particulares: o poeta de cordel tem liberdade de expressar a própria opinião

independentemente das conveniências dos poderes instituídos e, ainda, utiliza-se dos atraentes recursos da linguagem poética. Isto é uma prova de que qualquer tipo de comunicação, por mais ostensivo que seja, não elimina outras possibilidades. A quantidade enorme de cordéis sobre os atentados de 11 de setembro é uma prova disso. Outra, bem *up to date*, tem sido a produção cordelística em torno da morte de Michael Jackson. O importante mesmo é refletir sobre os fenômenos tal qual eles se apresentam, sem passadismos.

**RF: E como a senhora percebe, hoje, a nova difusão da Folkcomunicação, liderada pelo também jornalista e pesquisador Roberto Benjamin?**

**MA:** Roberto Benjamin tem essa postura, que aprecio bastante, que é a abertura ao novo, a observação atenta das expressões culturais enquanto processo. É um pesquisador incansável, sempre em busca de novos dados e novas reflexões. Escreveu, por exemplo, importante texto sobre a relação dos cordelistas com as novas tecnologias cibernéticas, e em particular sobre a atuação do poeta José Honório nessa seara da Web.

**RF: Quais outros pesquisadores brasileiros e estrangeiros que a senhora bebe na fonte para traçar seus estudos em relação à mídia e cultura?**

**MA:** Jerusa Pires Ferreira, Augusto de Campos, Francisco Rüdiger, Arnaldo Saraiva, Boaventura de Sousa Santos, Jesús-Martín Barbero, Paul Zumthor, Iuri Lotman, Castoriadis, Bauman.

**RF: Em plena pós-modernidade, podemos conceituar as diversas culturas como erudita, popular e massiva?**

**MA:** Acho mais interessante pensar sobre as problematizações em torno de temas do que mesmo constituir gavetas para separá-los. O que queremos dizer com o termo “popular” quando se trata do cordel? E o que queremos dizer com “erudito” quando falamos do mesmo cordel, sabendo que a elaboração, a sofisticação exigidas para um bom poeta de cordel vem de tradições milenares, que conceituados poetas provençais já as praticavam na Idade Média e que os cordelistas têm que saber manejar? Popular, erudito e massivo são etiquetas, digamos, *demodées*, para realidades hoje tão híbridas e hipermediáticas.

**RF: Como a mídia tem tratado a cultura popular?**

**MA:** Normalmente, com desprezo, desinformação ou ufanismo, dependendo da ocasião e das conveniências. Na produção de reportagens, para qualquer um dos veículos, geralmente as inadequações ocorrem por falta de especialistas que possam tratar os temas com profundidade e conhecimento.

**RF: A internet tem sido um meio de comunicação que abre espaço às manifestações populares?**

**MA:** Antes mesmo de dizer que a Internet dá espaço às expressões da cultura, é melhor dizer que são os próprios protagonistas dessas expressões que vêm

buscando a Internet, como uma mediadora no intercâmbio, na inter-relação, na comunicação dos modos de estar no mundo. Não há nenhum tabu aí: o ser humano se move no mundo com as ferramentas do seu próprio tempo, e que lhe sejam acessíveis.

**RF: Então, cibercultura e tradição podem andar juntas?**

**MA:** E por que não haveriam de poder? No caso do cordel, por exemplo, as ferramentas de comunicação, as tecnologias acessíveis sempre estiveram presentes no cotidiano do cordelista. Em relação à edição dos folhetos, a impressão ocorreu com a utilização de tipos móveis, off-set, mimeógrafo, fotocópia, e agora o computador e a impressora de uso doméstico facilitam a vida do poeta, que, sem sair de casa e sem precisar contratar mão-de-obra da área gráfica, pode escolher o tamanho da tiragem e as variações nas reimpressões. Em relação às possibilidades de se comunicar com outros poetas, a Internet vem desempenhando uma mediação importante, que tem resultado numa produção poética ágil, volumosa e consistente. A comunicação interpoética trouxe essa espécie de emulação, e um dos resultados é o que a gente pode conferir nos sites de relacionamento, nas comunidades do Orkut e nos folhetos que são impressos após a realização de pejejas virtuais via Internet. Não se pode dizer, entretanto, que tudo o que está na Internet e que o que é considerado como cordel é bom. Nem se deve considerar que a Internet chegou como panacéia. É preciso distinguir alhos e bugalhos, tanto no que é produzido pelos meios exclusivamente tradicionais, quanto no que é produzido e veiculado estritamente via Web, e quanto ainda no que é produzido por meios híbridos.

**RF: A senhora participou, em 2007, do Projeto Identidades, na Universidade de Belas Artes, de Porto, em Portugal. Como foi a experiência de expor a literatura de cordel e a xilogravura em nível internacional?**

**MA:** Em Portugal, é grande a receptividade em relação à xilogravura brasileira e ao cordel. Lá, a tradicional literatura de cordel portuguesa não é expressão vigorosa na contemporaneidade. Não se faz, nem se publica cordel como aqui. O cordel português é raridade nos antiquários e o que se conhece é o que está em coleções e bibliotecas. Mas, é interessante o gosto deles pelo que produzimos aqui tanto de cordel, quanto de xilogravura popular, porque a afinidade é patente, nos primórdios aprendemos com eles, e ainda hoje mantemos atualizada a nossa produção, o que não vem acontecendo por lá. Mesmo assim, quando participei do projeto, a interação com o fazer artístico foi grande. Na noite de abertura do evento, um poeta e fotógrafo português, Renato Roque, escreveu e lançou um folheto de cordel, que foi previamente impresso na cidade de Timbaúba, Pernambuco, pelo xilógrafo, cordelista e editor Marcelo Soares. Depois, houve palestras sobre cordel e xilogravura, e a oficina ministrada por Marcelo atraiu vários universitários das belas artes que se interessavam pela técnica da xilo. A temporada foi riquíssima, com conferências, oficinas, exposição de xilogravuras, de cordéis e de matrizes das capas de folhetos.

**RF: É verdade que a origem do cordel remonta à Península Ibérica?**

**MA:** É uma poesia tradicional que, em diversos países da Europa, ofereceu similaridades na produção gráfica e poética. Portugal e Espanha, ou seja, a Península Ibérica de então, produziam folhetos populares, tanto quanto a Inglaterra, a França, a Alemanha. Agora, quando chegou no Brasil, chegou, claro, na bagagem dos portugueses, mas traz evidentemente esse parentesco com toda uma produção europeia.

**RF: Ainda é comum encontrar o cordel nas feiras interioranas do Nordeste do Brasil?**

**MA:** Diria que ainda é possível encontrar cordel nas feiras, não somente do Nordeste do Brasil. Entretanto, acho sempre bom refletir sobre as migrações de público, de meios de produção e de ambiente de circulação do folheto. O perfil do poeta cordelista, do apreciador, do produtor e do distribuidor do cordel mudou. E acho que essa mudança faz parte das estratégias de permanência do cordel. Imagine uma expressão cultural congelada no tempo e em determinados espaços. Primeiro que a cultura tem uma dinâmica própria e nada que fique estático se garante nessa dinâmica. Vira objeto arqueológico. Depois, mudam os tempos, os espaços se reconfiguram e a poesia, que acompanha a humanidade desde muito, vai seguindo o curso com os discursos que possam ser engendrados e apreciados no próprio espaço-tempo em que são construídos.

**RF: A senhora participou de um projeto de catalogação e digitalização de acervo de 7.000 folhetos de literatura de cordel, não é isso mesmo?**

**MA:** Na verdade, participo, com o verbo assim no tempo presente. Participo na condição de autora, pesquisadora e coordenadora do projeto, além de ser a proprietária do referido acervo. O trabalho está em andamento desde novembro de 2008 e a conclusão está prevista para o final deste ano de 2009.

**RF: Grandes empresas nacionais e multinacionais, durante os festejos juninos, utilizam em suas propagandas elementos do cordel e da xilogravura para promover a venda de seus produtos e serviços. Como a senhora percebe essa atuação da comunicação mercadológica?**

**MA:** Não vejo mal na utilização de elementos da própria cultura regional na hora de se estabelecer uma comunicação mercadológica, isso comunica, e muito. Um dos grandes problemas é a apropriação de obras artísticas, autorais, como é o caso de xilogravuras de autoria totalmente conhecida, não apenas "atribuída", e que são muitas vezes decalcadas por publicitários, sem ao menos sequer dizerem que o desenho foi feito a partir da xilogravura tal, de tal autor. Outro problema é que, muitas vezes, o cordel entra de maneira enviesada nessa comunicação: usar a poesia de cordel sem ser poeta, nem entender de poesia leva as pessoas a entrarem em contato com versinhos bem pífijs, sem poesia, sem rima boa, nem métrica correta. E o resultado é que isso confunde os não iniciados nesse universo cultural. Muita gente pensa que qualquer poesia mal arranjada e apenas rimada é cordel. Outro problema é a

instrumentalização de elementos da cultura tradicional para fins nada abonadores, como acontece nas propagandas políticas.

**RF: A senhora tem trabalhado a comunicação semiótica. Pode-se falar de uma semiótica voltada aos estudos da cultura?**

**MA:** Claro! Há diversos teóricos nos estudos de semiótica da cultura. No Brasil, uma grande pesquisadora nessa área é a baiana Jerusa Pires Ferreira.

**RF: Fale do seu mais recente livro, *No visgo do improviso*.**

**MA:** Trata-se da minha dissertação de mestrado, que defendi em Comunicação e Semiótica, na PUC-SP, em 2007. No trabalho, apresento vertentes da poesia tradicional improvisada, como a do maracatu rural e das pejeiras de violeiros, relacionando-as com as pejeiras de cordel. O gênero “pejeira” existe desde os primeiros registros do cordel brasileiro e era normalmente a invenção de um cordelista sobre um hipotético encontro entre dois repentistas. Na atualidade, o cordelista pejeira em tempo real na Internet, em sites de relacionamento ou mesmo por e-mail e pode ser improvisado ou não. É sobre essa relação do tradicional com as mais atuais ferramentas de comunicação digital que falo no livro, defendendo, claro, a riqueza de possibilidades a partir dessa mediação.

Contato de Maria Alice Amorim: [linguadepoeta@yahoo.com.br](mailto:linguadepoeta@yahoo.com.br)

